


ANA FLÁVIA ABREV

KORA

E A MASSITORRA
DE ATRO

 LLYR EDITORIAL

“Nunca se pode concordar em rastejar quando se sente
o ímpeto de voar.” - *Helen Keller*

ĀPĪTVĻO Ī

Nunca soube por que fui “escolhida” para carregar um dom que desperta tanta cobiça nas pessoas. Aliás, nem mesmo sei se é assim que funciona, sendo “escolhida”. A única coisa que sei é que não queria ser o centro das atenções.

Meus pais não desconfiaram da mudança drástica que aconteceu em mim, pois tive todo o cuidado em esconder meu segredo. Jamais voltei a me machucar perto deles e caso acontecesse, eu sairia de perto sem despertar suspeitas. Isso era uma das primeiras coisas que Simeon nos ensinava quando o dom despertava. Nunca, em hipótese alguma, chame a atenção. Discrição é a chave para a ignorância dos dons.

Eu mesma ignorei a existência de pessoas com capacidades extraordinárias por boa parte da minha vida. Só quando conheci Herodes é que fui apresentada ao mundo onde dragões existiam, descobri que fazia parte dele com meu dom de curar aos outros e a mim mesma e passei a ter muito o que esconder dos meus pais. Muito mais do que adolescentes costumam ter, pelo menos.

Não me importava em guardar segredo, apenas me preocupava com as consequências deste dom em minha família. E para ser sincera, isso me preocupava cada vez mais.

Por outro lado, meu namoro com Herodes estava indo às mil maravilhas. Não conseguia mais me imaginar sem ele ao meu lado. Sempre me apoiava e me ajudava com as responsabilidades que o dom implicava na vida de uma pessoa. É estranho, mas parece que minha vida amorosa começou quando assumi gostar dele e o passado se tornou uma palavra que caiu nas graças do vento mais forte e se perdeu por aí.

Herodes era gentil, amoroso, romântico e paciente. Meus pais praticamente o idolatravam, o que me causava certo ciúme. Como eu disse, meu namoro ia às mil maravilhas até uma sexta-feira...

O sinal avisando que a tortura escolar havia acabado soou como música para meus ouvidos. Herodes iria me pegar na frente do colégio. Como isso não acontecia com frequência, eu precisava correr para não perder um segundo sequer ao seu lado.

Depois que minha vida deu um giro de 180°, fiquei sob vigilância quase que 24 horas. Para mim, era desnecessário pois Herodes havia dado um fim em Tálakos e Enid não se atreveria a atacar sem seu braço direito. Pelo menos não por enquanto. Só que Simeon insistia, “Vigilância nunca é demais”, dizia ele.

Minha vida escolar tinha voltado ao normal – se é que eu posso dizer isso – depois da trágica e necessária morte de Tálakos. Como as aulas já estavam no fim, eu merecia um descanso. Faltava uma semana para o ano letivo acabar e meu corpo e minha mente imploravam por férias.

Desci correndo as escadas e fui para o portão. Lá estava ele, parado bem em frente ao colégio. Lindo, com um olhar ameaçador e romântico ao mesmo tempo. Uma mecha do seu cabelo caía em frente ao rosto perfeito. Meu coração palpitou ao vê-lo parado e me esperando, tão protetor. Antes que pudesse me aproximar mais, ele deu a volta no carro e entrou. Fiquei sem entender aquela atitude, mas mesmo assim fui encontrá-lo. Ao entrar no carro senti o ar carregado, Herodes não conseguia esconder quando alguma coisa o preocupava demais. Sobretudo quando dizia respeito a mim.

– Está tudo bem? – perguntei, beijando-o.

– Claro que está. Por que não estaria? – Herodes respondeu ligeiramente ao se ajeitar no banco e ligar o motor silencioso do carro.

Sua resposta atravessada era um sinal de que alguma coisa estava errada. Não havia motivo para estar daquele jeito, sem sequer olhar nos meus olhos. Afinal de contas, nossa última noite havia sido maravilhosa, apesar de não termos chegado aos finais.

– Você parece preocupado – insisti colocando o cinto de segurança e sentando de lado para encará-lo. – Aconteceu alguma coisa?

– Não, nada – respondeu, cauteloso, como se medisse cada palavra.

E assim Herodes se portou durante o trajeto inteiro, até a minha casa. Limitando-se a responder o essencial. Quando chegamos, ele desligou o carro e se sentou de lado no banco, ora me encarando, ora desviando o olhar.

– O que fará hoje, minha linda?

Tentando disfarçar a preocupação atrás de um sorriso armado, Herodes pegou uma mecha do meu cabelo e colocou atrás da minha orelha. Seu corpo estava ali, mas seus olhos me diziam que a mente vagava.

– Tenho um trabalho de Física para fazer, mas que não vou demorar. Topa um cinema, depois? – perguntei, procurando seu olhar perdido.

– Hum... não sei – disse ele, apertando os lábios. – Te ligo mais tarde.

Impressão minha ou acabara de levar um fora disfarçado? Tentei fazer com que meu queixo – que podia jurar estar no meu pé – voltasse para o lugar discretamente. Herodes nunca negava um convite meu, mais uma prova de que havia algo errado. Mas o quê?

– Sem problemas – respondi, forçando as palavras a saírem. Herodes me beijou como se nada tivesse acontecido, o que me deixou com mais dúvidas.

Fui para meu quarto começar o trabalho antes de almoçar. Tinha que terminar logo para descobrir o que deu em Herodes para estar daquele jeito.

A tarefa não era difícil. Tínhamos que relacionar formas de poupar energia elétrica, levando em consideração que os níveis dos rios estavam baixando gradativamente e não produziam tanta energia quanto antes.

Então, com papel e caneta nas mãos, fiz um *tour* por todos os cômodos da casa, avaliando quais os tipos de lâmpadas que minha mãe utilizava. À primeira vista parece loucura, mas isso é fundamental para o trabalho, sobretudo por saber que devemos utilizar lâmpadas fluorescentes compactas ao invés de incandescentes.

Pensei que isso me tomaria muito tempo, mas pra minha surpresa não precisei fazer nenhuma observação. Minha mãe já utilizava lâmpadas fluorescentes em toda a casa. Ponto pra ela!

Com tudo anotado e já com a ideia de como começaria meu trabalho, desci para almoçar. Durante a refeição, nada tirava da minha cabeça que alguma coisa estava acontecendo. E se Herodes não queria contar, só podia ser algo sério.

Subi e fui terminar o bendito trabalho. Entrei na internet para procurar alguma usina hidrelétrica próxima e encontrei uma que ficava a alguns quilômetros, mas desativada há algum tempo. Justamente pelo baixo volume d'água – que ironia. Anotei o endereço, imprimi o mapa que a internet mostrava e desci com minha câmera fotográfica para ir até lá. Ao menos eu conseguiria uma foto do lado de fora da usina.

¶¶

Assim que entrei na cozinha para avisar minha mãe que estava saindo, dei de cara com Abner.

– Kôra, já ia subir para te chamar. Quer assistir um filme de terror comigo? Daqui a meia hora tem uma sessão – Abner, meu irmão, disse olhando o relógio de pulso.

Mal sabe ele que minha vida tinha se transformado num terror. Ver um filme desse só me faria achar tudo cômico, se não fosse trágico. E rir de algo assim é o mesmo que rir num velório. As pessoas me olhariam como se fosse louca.

– Ah, infelizmente não posso ir. Tenho trabalho de Física para fazer – fiz uma careta.

– Credo! Física?

– Nem me fale – revirei os olhos em concordância.

– Falou, então.

– Você viu a mãe? – perguntei, vistoriando a cozinha vazia.

– Saiu com o pai – Abner respondeu abrindo a geladeira e pegando uma garrafinha de refrigerante. – Quer?

– Não, valeu. Diga que saí para fazer um trabalho.

– Ok.

Peguei as chaves do carro e fui na direção que o mapa impresso, aberto no banco do passageiro, indicava. Pelo trajeto, eu teria que sair da cidade, contornar o anel viário e seguir em frente por um bom tempo. *Um bom tempo* no sentido literal da palavra, já que demorei uns quarenta minutos até avistar a usina.

O trajeto em si não era difícil. Já o caminho que se pegava para chegar à entrada da usina, este sim era. Por ser um local de entrada restrita, o acesso era através de uma sinuosa estrada de chão, que tinha uma guarita abandonada. A cancela, que antes servia para conter o avanço dos carros, estava tomada de uma planta trepadeira, assim como todo o resto.

Após a cancela, a estradinha oferecia apenas dois caminhos de terra compacta, por onde os pneus passavam tempos atrás. Só que agora era impossível um veículo andar por ali novamente, com as condições precárias em que o trajeto havia ficado.

Deixei meu carro parado atrás da guarita, pois não queria que alguém passasse na rodovia e visse meu carro dando sopa. Afinal, estava sozinha.

Ajeitei a câmera num ombro e a mochila no outro, segurei um bloquinho para anotar observações e tranquei o carro.

Assim que comecei a caminhar estrada adentro, meus pulmões agradeceram o bombardeio de ar puro e fresco. O ar úmido e o calor faziam com que minha roupa grudasse na pele. As árvores em ambos os lados da estrada me protegiam, ora sim ora não, do sol que não dava trégua.

Numa certa altura do estirão, a câmera, que era leve, parecia ser de chumbo. A mochila que continha apenas o essencial pesava como se todo meu quarto estivesse ali dentro.

Cansada e com sede, apoiei a mochila e a câmera em cima de uma pedra da altura do meu joelho. Peguei minha garrafinha de água e molhei a mão para passar na nuca e na testa. Depois, dei um bom gole.

Olhei em volta e o cenário era lindo e assustadoramente abandonado. A usina ainda estava um pouco mais adiante. Peguei a câmera e tirei algumas fotos de uns pássaros exóticos que haviam feito um ninho na árvore à minha frente. Cada clique era uma imagem deslumbrante.

Crec!

O barulho de um galho seco quebrando fez com que todos os meus sentidos se aguçassem num segundo. Lentamente, abaixei a câmera e tentei não entrar em pânico apesar da minha vontade ser de sair correndo feito louca. Só agora havia me dado conta da idiotice que fiz em ter vindo sozinha. O galho quebrado fizera um bom trabalho me lembrando disso.

Meu coração batia tão rápido que chegava a ressoar nos ouvidos. O barulho veio por detrás. Meu peito subia e descia apressadamente, refletindo minha respiração ofegante e meu nítido nervosismo. Fiquei tão apavorada que minhas mãos começaram a esquentar e a irradiar a luz branca que acompanhava o meu dom. A claridade delas chamava mais atenção do que qualquer outra coisa naquele lugar. Abanei-as, tentando fazer com que parassem de brilhar. Foi ridículo – esse tipo de luz não se apaga como um fósforo.

“Kôra, o que você está fazendo? Isso não funciona assim!”

Por entre as árvores, ouvi mais barulhos de galhos quebrando. O que tornava estes barulhos ainda piores do que o outro? A proximidade cada vez maior.

Cada estalo era um passo atrás que eu dava. Comecei a distinguir formas. Aquilo definitivamente não era um animal. Era uma pessoa.

Minha garganta se fechou em nó, meus olhos fixos no vulto que se aproximava a cada batida apressada do meu coração.

– Kôra? – perguntou uma voz masculina e, pelo tom seco, muito zangada. Nesse momento, minhas pernas bambearam

Apesar de quase estar tendo um ataque cardíaco, reconheci quem era.

– Herodes?

– O que faz aqui, Kôra? Perdeu o juízo? Ah, esqueci, você nunca o teve! – falava com rispidez e sarcamos, enquanto saía de entre as árvores.

Fiquei sem reação com o que ele dizia. Eu não estava conseguindo ligar o nome Herodes ao homem que estava a alguns passos de mim. Grosseiro, seco e, principalmente, sombrio.

Ele me analisava com olhos de quem caça. Por segundos, considerei correr, mas seu tom me prendeu mais no chão.

– Responda! O que faz aqui sozinha?

Ainda segurando minha câmera, tentei encontrar as palavras para responder.

– Trabalho – foi tudo o que consegui. Soltei minha mochila no chão. Minhas pernas não me pertenciam mais a esta altura.

Não sei explicar o motivo, mas ver Herodes daquele jeito furioso me causava muito mais medo do que Tálakos em seus piores dias de ira. E meu ex-namorado tinha me aterrorizado até o limite, usando inclusive de violência física.

– Trabalho? – ele perguntou num tom arrogante.

Respirei fundo e tentei me acalmar. Foi quando notei que minhas mãos não reluziam mais.

Herodes se aproximou, apesar de ainda parecer muito distante.

– Eu disse que tinha que fazer um trabalho de Física. Queria tirar uma foto da usina.

Herodes virou a cabeça na direção que eu apontava. Voltou a me olhar e, sem dizer uma palavra, pegou a câmera da minha mão, ergueu o braço e tirou uma foto. Não tirou os olhos de mim, encarando-me com frieza.

– Pronto! Agora, vamos embora.

– Espere aí! – protestei quando ele já estava de costas pra mim. – Por que você está assim?

– Assim como? – ele perguntou sem parar de andar.

– Desde cedo, você está estranho – peguei a mochila do chão e me apressei para acompanhá-lo. – Aí, chega sem mais nem menos, sendo grosso comigo e ainda vem me perguntar “assim como”? – questionei quando já estava ao seu lado.

– Não estou sendo grosso com você, apenas não concordo com as idiotices que está fazendo.

Meu queixo só não caiu de novo no chão porque eu estava quase trincando meus dentes de tanta raiva. Mas discutir sobre isso só traria mais grosserias e raivas. E eu gostando ou não, ele estava certo, fui uma idiota vindo até aqui sozinha. Queria tanto terminar este *bendito* trabalho para poder conversar com ele e saber o porquê dele estar estranho que acabei esquecendo de ficar em constante atenção.

– Como me achou? – perguntei parando em sua frente.

– Presentimento do dragão, lembra?

Depois que Tálakos sumira do mapa, não tive mais problemas com coisas estranhas acontecendo ao meu redor. Quase não usava meu dom para que ninguém descobrisse sobre o que eu era e tentava levar uma vida normal com Herodes. Às vezes, ele até me levava à Linória, o lugar que compartilhava com os outros portadores dos dons. Mas tentava me deixar o máximo possível no “mundo normal”. E por mais que tentássemos ter uma vida comum, ambos sabíamos da imensa capacidade interior de cada um e respeitávamos isso.

– Desculpe. Com o fim de Tálakos, fiquei mais tranquila. Acho que não temos que nos preocupar tanto assim. Acabou, lembra? – perguntei encostando minha mão em seu peito febril.

– Nunca acaba, Kôra – Herodes disse num tom mais suave que antes.

– Desde que me tornei quem sou hoje, vivo em constante vigilância. E você deve fazer o mesmo. Esqueceu de Enid?

– Não, não esqueci. – E como poderia? Enid era a inimiga mortal de Linória e aliara-se a Tálakos para me sequestrar, interessada no meu dom.

– Agora vamos. Você já tem sua foto.

Ana Flávia Abreu - Kôra e a Masmorra de Atro

Caminhamos a passos largos para o carro. Herodes não falou mais comigo, só no celular, mas não consegui saber com quem nem sobre o quê, pois usou um tom de voz baixo e rápido. Tudo nele demonstrava muita preocupação.

Eu andava olhando para o chão esburacado, mas erguia a cabeça para observar Herodes de vez em quando. Uma proeza admirável, pois desfrutar da beleza irritante do meu namorado e conseguir me concentrar em não torcer o pé era a maior prova de resistência que já tinha enfrentado.

Pelo menos, até ali.